

NÁUFRAGOS

Peça em 3 actos de FERNANDA DE CASTRO. Publicada em 1925 na revista «De Teatro» (n.º 32).

Representada pela primeira vez no Teatro Nacional em 27 de Abril de 1925, numa encenação de Rafael Marques.

[...]

Três cenas: casa de pescadores em frente ao mar; largo de aldeia; casa rústica. A acção decorre numa aldeia algarvia, na actualidade.

Enjeitada pelos pais, Mariana foi encontrada numa praia do Algarve pelo velho pescador Tio Brás, que a recolheu em sua casa. Os anos passaram. Mariana leva uma existência obscura junto dos filhos do Tio Brás: Rita, que a despreza e humilha, Inácio, que parece ignorá-la, Ernestino, que a cobiça. Só Conchinhas, um pescador «de alma clara como o sol», que sente por ela uma grande paixão, a trata com respeito e carinho. Existe uma grande incompatibilidade entre os dois irmãos, Inácio e Ernestino, que se disputam a todo o instante. O último, numa noite em que Mariana está sozinha em casa, tenta possuí-la, mas a rapariga defende-se e grita por socorro. Ernestino foge. Uma rixa estala lá fora, e Ernestino entra em casa ferido de morte. Mariana pergunta-lhe quem o matou, ele aponta-lhe a porta da rua aberta para a noite, à qual Mariana se assoma. Mas a ninguém dirá o que viu, refugiando-se num silêncio obstinado. O Tio Brás acusa Conchinhas da morte do filho. As aparências são contra o pescador: fora visto à porta de casa pouco antes do crime, o seu amor por Mariana levava-o a hostilizar a família do Brás. Ao vê-lo injustamente acusado, Mariana rompe o mutismo e revela que era Inácio o homem que viu fugir na noite. Mariana, que ama Inácio e sofre com a indiferença a que ele parece votá-la, quer avisá-lo da denúncia que foi obrigada a fazer por lealdade para com Conchinhas, inocente da acusação que sobre ele pairava. Mas Inácio saíra para o mar no seu barco. O temporal entretanto desaba e os barcos estão em perigo. Conchinhas, depois de um momento de hesitação, convence outros pescadores a arrostarem a fúria das ondas para salvar os companheiros. Só a barca de Inácio não regressa à praia. Mariana julga-o perdido, mas ele acaba por aparecer. Ao levantar-se o temporal, levava o barco para local seguro e só depois de ele amainar voltou a terra. Mariana conta-lhe o que se passou. Inácio revela então que vira o irmão agarrá-la e que acudira ao ouvi-la gritar. Na luta com Ernestino, este veio espetar-se na navalha com que Inácio procurava defender-se. Também Inácio amava Mariana e agora que os dois se encontraram irão recomeçar juntos noutra terra uma nova vida.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 233-234.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.